

“De Doenças Esporádicas Farei Algumas Histórias”

Gaspar Lopes Henriques de Chaves (1729-1796), médico do Partido da Vila de Almada

Telmo António ^I e Francisco Curate ^{II}

Gaspar Lopes Henriques de Chaves nasceu na cidade de Lisboa, em 1729, filho de Diogo Carvalho Henriques de Chaves e de Juliana Teresa. Em 1757, formou-se em Medicina pela Universidade de Coimbra, e em 1784 apresentou-se numa sessão da vereação da Câmara Municipal de Almada com um requerimento para se candidatar a Médico do Partido da vila, munido de uma provisão de D. Maria I. Durante alguns anos, provavelmente entre 1784 e 1796, exerceu medicina como médico partidista da vila de Almada, onde veio a falecer em 1796. Nesse período, Gaspar de Chaves produziu um conjunto de manuscritos, apropriadamente denominados *Observações Médico Meteorológicas*, nos quais recopila uma série de dados meteorológicos obtidos diariamente na vila de Almada. Além desse importante acervo de elementos relacionados com as condições climáticas, os documentos agregam um corpo de observações clínicas que proporcionam uma visão abrangente e aprofundada da prática médica no final do século XVIII.

As Câmaras Municipais, por forma a garantir a prestação de cuidados de saúde aos elementos mais pobres da população, contratavam médicos aos quais atribuíam uma remuneração anual e que respondiam perante o administrador do concelho. A expressão “partido” pode radicar no sentido de “pagamento ou avença”, mediante a qual os médicos efetuavam visitas aos pacientes independentemente da condição social dos mesmos, em qualquer ponto do concelho, não cobrando esse serviço. Os médicos municipais viriam, ao longo de séculos, a constituir-se uma verdadeira instituição nacional, transversal a sucessivos regimes políticos entre a Monarquia e a República. A designação de médicos municipais perdurou até à revisão do Código Administrativo (1936-1940).

RESUMO

A partir de manuscritos existentes no Arquivo Histórico Municipal de Almada, as *Observações Médico Meteorológicas*, os autores abordam a prática da Medicina em finais do século XVIII, um período marcado pelas contradições inerentes a uma transição de paradigmas epistemológicos. Nestas *Observações*, o médico Gaspar Lopes Henriques de Chaves, ainda definido por uma visão tradicional da Medicina, manifesta já preocupações que anunciam uma rutura com as abordagens empíricas. A sua prática médica em Almada, de que se analisam os registos correspondentes aos anos 1788, 1789 e 1792, é indissociável de um percurso de vida enquanto cristão-novo marcado pela perseguição, pelo exílio e, sobretudo, pela resiliência.

PALAVRAS CHAVE: Análise documental; Século XVIII; História da Medicina; Religião; Inquisição.

ABSTRACT

Basing their analysis on manuscripts found in the Municipal Historic Archives of Almada, the *Observações Médico Meteorológicas*, the authors analyse the practice of medicine at the end of the 18th century, a time characterised by the contradictions inherent to the transition between epistemological paradigms.

In these *Observações*, the physician Gaspar Lopes Henriques de Chaves, who had a traditional view of Medicine, shows concerns that forecast announce a breach with empirical approaches. According to records from the years 1788, 1789 and 1792, his medical practice in Almada is closely related to his life as a New Christian, marked by persecution, exile and, above all, resilience.

KEY WORDS: Document analysis; 18th century; History of Medicine; Religion; Inquisition.

RÉSUMÉ

A partir de manuscrits existant dans les Archives Historiques Municipales de Almada, les *Observações Médico Meteorológicas*, les auteurs abordent la pratique de la Médecine à la fin du XVIIIème siècle, période marquée par les contradictions inhérentes à une transition de paradigmes épistémologiques.

Dans ces *Observações*, le médecin Gaspar Lopes Henriques de Chaves, encore défini par une vision traditionnelle de la Médecine, manifeste déjà des préoccupations qui annoncent une rupture avec les approches empiriques. Sa pratique médicale à Almada, dont on analyse les registres correspondant aux années 1788, 1789 et 1792, est indissociable d'un parcours de vie de juif converti marqué par la persécution, l'exil et, surtout, la résilience.

MOTS CLÉS: Analyse documentaire; XVIIIème siècle; Histoire de la Médecine; Religion; Inquisition.

^I Museu de Arqueologia e História Local, Divisão de Museus e Património Cultural, Câmara Municipal de Almada.

^{II} Universidade de Coimbra, Departamento de Ciências da Vida, Centro de Investigação em Antropologia e Saúde / Laboratório de Antropologia Forense; Instituto Politécnico de Tomar.

Por opção dos autores, o texto segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

Os manuscritos, à guarda do Arquivo Histórico Municipal de Almada, referem-se aos anos de 1788, 1789 e 1792 – ou seja, é certo que alguns dos livros se perderam, já que Gaspar de Chaves era obrigado a apresentar anualmente as suas observações médico-meteorológicas. De facto, numa referência às *Observações* em sessão de vereação da Câmara de Almada, em 1793, declara-se que: “[...] pelo Douitor Gaspar Lopes Henriques de Chaves forao apresentadas nesta Camera as duas observações que he obrigado a dar toddos os anos, que lhe forao aseites, mandarão a mim escrivão lhe passasse certidão para poder cobrar o seo ordenado”¹.

O estudo destes manuscritos, dedicado sobretudo à parcela das observações clínicas, permitiu esboçar um panorama das práticas empíricas e das observações pessoais de um médico em contexto de trabalho numa

vila pequena, bem como, até certo grau, das experiências de doença dos pacientes que o consultavam. A partir do século XVI, os médicos com formação académica – por oposição aos barbeiros ou cirurgiões, os “escalões mais baixos” da prática médica (DENIPOTI, 2017) – encetaram um processo sistemático de publicação de *observationes* e *curationes*, narrações de casos individuais e outras ocorrências com relevância médica (STOLBERG, 2013). Um exemplo maior e precoce desta viragem epistemológica (caracterizada, por um lado, pelo apego iterado à lógica aristotélica, e, por outro, pelo reconhecimento da importância da experiência empírica na evolução da *practica medica*) é o trabalho de Amato Lusitano, *Curationum medicinalium centuria prima, multiplici variaque rerum cognitione referta*, publicado em Florença no ano de 1551. O número de *observationes medicae*, ou coleções de casos, cresceu rapidamente durante o século XVII, e tornou-se numa forma fundamental de escrita médica durante o século XVIII (POMATA, 2010). Durante o século XVIII, o número de tratados médicos publicados em Portugal ou por clínicos portugueses aumentou também de forma substancial (DENIPOTI, 2017).

Nada obstante, as fontes primárias que refletem a prática concreta dos médicos – e não as ideias genéricas, teóricas, relativas à Medicina e às diversas doenças – não são abundantes (STOLBERG, 2017), pelo que os casos compilados – não publicados, logo, inéditos – por Gaspar de Chaves, que incluem dados biográficos sobre os pacientes, sintomas que apresentam, terapêutica empregue e, não poucas vezes, um diagnóstico (irresoluto ou claro), são relevantes na medida em que expõem – ou desvelam – uma parte do sistema médico que então prevalecia em Portugal.

O final do século XVIII é um período paradigmático de transição nos epistemas médicos (FOUCAULT, 1963; QUINTAIS, 2012), e o desalinho metafísico que permeava a Medicina manifesta-se nos escritos de Gaspar de Chaves. Em primeiro lugar, nota-se ainda uma fusão (nem sempre crítica) da formulação intelectual e académica com o folclore.

¹ Arquivo Histórico Municipal de Almada. Câmara Municipal de Almada (AHMA / CMA). *Atas*, Livro 32, f. 152.

Depois, uma ênfase na tradição – mais galénica que hipocrática – ainda distante da revolução médica que se iniciaria nos hospitais franceses, com Pierre Jean Georges Cabanis ou Pierre-Charles-Alexandre Louis, entre outros, e nos laboratórios alemães, com Carl Wunderlich, Jacob Henle ou Rudolf Virchow (FOUCAULT, 1963), mas também das ideias veiculadas pelos portugueses António Ribeiro Sanches, Jacob de Castro Sarmiento ou Teodoro de Almeida (DENIPOTI, 2017). Por outro lado, Gaspar de Chaves não se coibiu de apresentar sugestões de cariz “proto-epidemiológico” – recordemos que a epidemiologia moderna seria apenas “criada” em meados de oitocentos pelo médico inglês John Snow – à Coroa e aos seus magistrados: “*Que couzas não são necessárias para que o homem subsista perfeitamente bem, que vigilância nos magistrados em visitar e fazer examinar os viveres que estão e devem estar em venda. É supérfluo expor o que tantas vezes tenho repetido mas que digo é bem que se repita quando não aproveitou o que se tem dito, principalmente na construção das casas para evitar a humidade, inimiga crudelíssima do género humano; a cadeia onde estão os Vassallos d’el Rey que devem-se ainda que sejam malfeteiros é da humanidade pedir, intimar e persuadir aos verdadeiros Magistrados revestidos daquela probidade e bondade que se requer, a superar tudo o que é de útil para bem e conservação do público, e se apressar à construção de um Canal pelo qual seja evacuado o que é nocivo tanto aos que estão infelizmente presos como para os que respirão ar livre.*”²

A Medicina encontrava-se repleta de fragmentos escaqueirados de ideologias e práticas mais ou menos inconciliáveis – e as *Observações* de Gaspar de Chaves corporizam plenamente algumas das características mais salientes da paisagem intelectual da medicina pré-novecentista, nomeadamente a coexistência de diferentes teorias ou paradigmas (POMATA, 2010). A complexidade epistémica da prática médica de Gaspar de Chaves decorre, por um lado, da própria irresolução paradigmática da Medicina de finais do século XVIII, mas também, sugere-se, da própria biografia do médico partidista da vila de Almada.

² AHMA / CMA, Gaspar Lopes Henriques de Chaves. *Observações Médico Meteorológicas*, Anno 1789, Livro 2, f. 1.

CRISTÃO-NOVO E MÉDICO:

ENTRE A ERRÂNCIA E A PERMANÊNCIA

Para conhecer melhor o médico Gaspar Lopes Henriques de Chaves é inevitável referir, em primeiro lugar, as raízes de cristão-novo que ditaram um percurso de vida tempestuoso, e que marcaram iniludivelmente a sua personalidade. Assim, em 1667, o seu avô (o também médico e homónimo Gaspar Lopes Henriques, à época com apenas 16 anos) e todos os seus tios-avós, naturais da Covilhã e residentes em Lisboa, apresentaram-se na Inquisição para “*confessarem as suas culpas*”

de *Judaísmo*". A apresentação voluntária à Inquisição, prevista no *Regimento* da Inquisição de 1640³, era uma estratégia defensiva muito utilizada pelas potenciais vítimas de perseguição, ao permitir que se antecipassem aos inquisidores, confessando culpas e manifestando arrependimento. Esta lição, violentamente transmitida por séculos de atrocidades, levou ao desenvolvimento de uma outra tática preventiva, a concertação de histórias. Quando alguém do círculo familiar ou de amizades era preso, ou havia a suspeita de que tal estaria na iminência de acontecer, esta forma de proceder era adotada. Apresentando-se cada um na Inquisição e confessando culpas, era de seguida dada uma lista de pessoas, datas e circunstâncias relacionadas com práticas religiosas proibidas. Por sua vez, cada uma destas pessoas apresentava-se e denunciava nos mesmos moldes todos os outros, com factos e datas sempre coincidentes, mas de pouca gravidade. Muitas vezes, acusavam-se pessoas que estavam presas, no estrangeiro ou que, entretanto, haviam já falecido (SARAIVA, 1994).

A consulta aos seus processos permitiu compreender que este foi o procedimento seguido em 1677⁴. Assim, abordando em concreto o processo de Gaspar Lopes Henriques, verifica-se que este se apresentou na Inquisição confessando culpas de judaísmo e relatando várias práticas religiosas praticadas por ele e por um grupo de familiares: a sua mãe, Catarina Henriques, os seus irmãos, Isabel, Diogo e Pedro Henriques, e uma sobrinha, Catarina Henriques. A análise aos respetivos processos revelou que todos os citados se haviam apresentado no mesmo dia, ou pouco depois, confessando as mesmas culpas e descrevendo quase *ipsis verbis* os factos narrados por Gaspar Lopes Henriques. Refira-se que a acusação mais grave, e que interessava particularmente à Inquisição, era a de quem havia ensinado as práticas judaizantes. A culpa foi imputada a Branca Lopes Henriques, irmã de Gaspar Lopes Henriques, à época já falecida.

Nos primórdios do século XVIII a Inquisição lança uma nova vaga repressiva contra esta família, desta vez com resultados mais nefastos. Isabel Henriques foi "*relaxada à justiça secular*", usualmente um eufemismo para pena de morte em auto de fé⁵. A sobrinha Catarina Henriques virá a morrer no cárcere. Gaspar Henriques foi preso em 1703, e sentenciado a cárcere perpétuo e degredo para o Brasil, ainda que, aparentemente, não tenha sido implementada esta sentença, uma vez que, em 1707, está preso no Limoeiro e é visitado pelo médico, constatando-se que sofria de um "*estupor num braço e perna*"⁶. Em finais desse ano foi-lhe passado um *Termo de Fiança*. A sua mulher, Jerónima de Chaves, passou igualmente pelos cárceres da Inquisição, acusada de relapsia em judaísmo.

Quase todos os filhos de Gaspar Henriques serão alvo de processos nos anos seguintes, incluindo Diogo Carvalho de Chaves, o pai de Gaspar Lopes Henriques de Chaves. Preso em 1733, Diogo de Chaves, advogado, então com 32 anos, viria a suportar os cárceres durante quatro anos sem nunca ter admitido culpas, mesmo quando "*posto a tormento*" e depois de avisado "*que se naquele tormento morresse, que-*

brasse algum membro ou perdesse algum sentido a culpa sera sua e não dos senhores inquisidores"⁷, uma ilustração perfeita da violência psicológica em que a Inquisição era pródiga. Libertado em 1737, não existem registos de nova passagem pela Inquisição. Tendo enviuvado, virá a casar mais tarde com Rosa Joaquina, cristã-nova, de quem terá um filho, José António Carvalho.

Em outubro de 1751, Gaspar Lopes Henriques de Chaves matriculou-se pela primeira vez na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Seis meses depois, em abril de 1752, obterá o bacharelato em Artes – a habilitação em Artes era requisito para a frequência da faculdade de Medicina (FRADE e SILVA, 2011) – e, em julho do mesmo ano, o grau de licenciado⁸. Em 1757, foi aprovado em exame, tendo obtido a formatura em Medicina⁹ – quinze anos antes da reforma da Universidade de Coimbra, promovida pelo Marquês de Pombal (RODRIGUES e FIOLEIS, 2013).

No mesmo ano de 1757, a família foi de novo alvo de perseguição inquisitorial, nomeadamente Gaspar Lopes Henriques de Chaves e o seu primo João Carlos Mourão Pinheiro. Antecipando-se à prisão, apresentaram-se na Inquisição juntamente com Rosa Joaquina, a madrastra de Gaspar, e alguns familiares desta. Todos confessaram culpas de judaísmo¹⁰. Tal como em 1667, foi exposta uma história planeada, narrando os mesmos factos e lugares, recorrendo quase sempre a uma mesma expressão: "*estando ambos entre práticas se declararão por crentes e observantes na Lei de Moisés para salvação de suas almas*". A única acusação mais grave feita por Gaspar de Chaves, a do "*ensino na crença na Lei de Moisés*", foi feita contra um amigo, João Rodrigues da Costa, por "coincidência" já refugiado em Bordéus. Uma vez mais, a estratégia terá tido bons resultados já que, como era prática usual, os inquisidores admoestaram os apresentados embora congratulando-os por "*tomar tão bom conselho*".

Desta vez, contudo, a família não terá mantido grandes ilusões acerca dos objetivos dos inquisidores. Uma parte constante do interrogatório, a "*Genealogia*", obrigava os réus a declinar todas as relações fami-

³ *Regimento da Inquisição de 1640*, Livro II, Título II, N.º I, p. 300. In *Collecção Chronologica da Legislação Portuguesa*, 1634-1640. Em linha. Disponível em <http://legislacaoregia.parlamento.pt>.

⁴ Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). Tribunal do Santo Ofício. *Inquisição de Lisboa*, proc. 5379.

⁵ ANTT. Tribunal do Santo Ofício. *Inquisição de Lisboa*, proc. 1830-1.

⁶ ANTT. Tribunal do Santo Ofício. *Inquisição de Lisboa*, proc. 5379-1.

⁷ ANTT. Tribunal do Santo Ofício. *Inquisição de Lisboa*, proc. 3533.

⁸ Arquivo da Universidade de Coimbra (AUC). *Índice de alunos da Universidade de Coimbra*, Processo PT/AUC/ELU/UC-AUC/B/001-001/H/000214.

⁹ AUC. *Índice de alunos da Universidade de Coimbra*, Processo PT/AUC/ELU/UC-AUC/B/001-001/H/000060.

¹⁰ ANTT. Tribunal do Santo Ofício. *Inquisição de Lisboa*, proc. 3800.

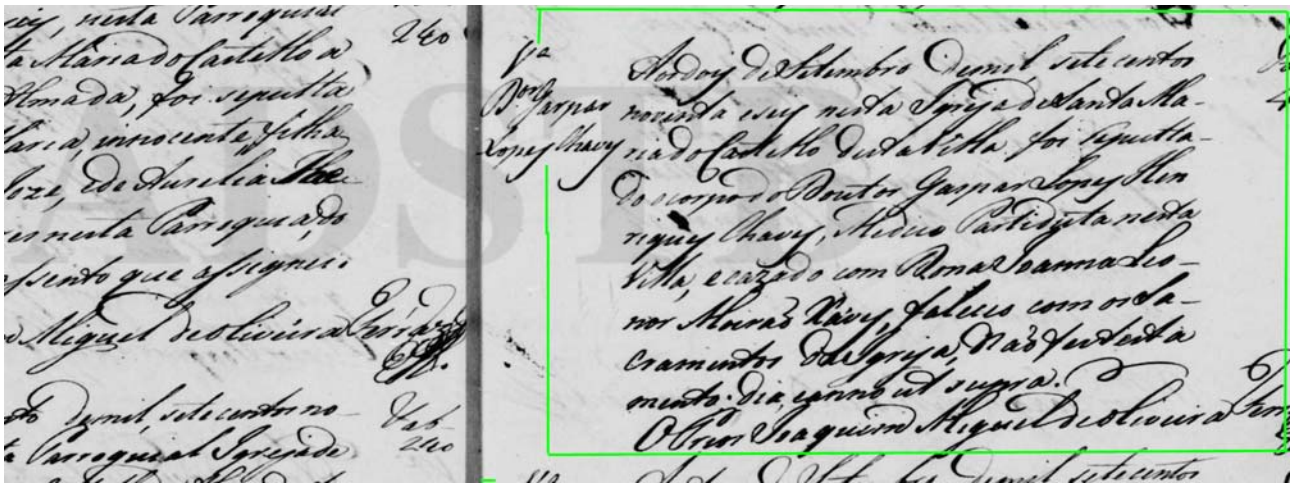


FIG. 1 – Registo de óbito de Gaspar Lopes Henriques de Chaves, ano de 1796. Arquivo Distrital de Setúbal, Paróquia de Santa Maria do Castelo, Registos de Óbitos, Livro 7, f. 49. Imagem cedida pelo Arquivo Distrital de Setúbal.

liares desde os avós. Entre os familiares enumerados encontrava-se meio-irmão de Gaspar de Chaves, José António Carvalho, então com cerca de 12 anos e, logo, uma vítima potencial. Suspeitava-se, de resto, que seria uma questão de tempo até ser desencadeada uma segunda vaga repressiva, que teria resultados bem mais perigosos. Dessa forma, Gaspar de Chaves e a sua família terão abandonado clandestinamente o país – dado que, nos processos, não existem pedidos de autorização para o fazer. Uma carta incluída no seu processo, assinada por Gaspar de Chaves e pelo seu pai, Diogo, remetida de Londres, dá conta da sua intenção de passar para França, para onde viajará em 1765 o seu primo, João Carlos Mourão Pinheiro.

Dois casamentos celebrados no ano de 1766 em Bordéus, na paróquia de Sainte Eulalie, encontram-se referenciados numa obra de Zosa SZAJKOWSKI (1970): o primeiro, de “*Gaspard Lopes Henriques de Chaves com Leonore de Miran*”, e o outro de “*Joseph Antoine de Carvalho de Chaves com Marie Madeleine de Moirane*”. Ao que tudo indica, tratar-se-iam de Gaspar de Chaves e do seu irmão. É provável que as duas mulheres referidas fossem filhas do primo, João Carlos Mourão Pinheiro. Este último, como se referiu anteriormente, teria abandonado Portugal rumo a França em 1765, e pelo seu processo constata-se que tinha, entre outros filhos, uma filha chamada Joana Leonor e outra Maria. No registo de óbito referente a Gaspar de Chaves (Fig. 1), datado de 1796, é referido que este era casado com “*Dona Joanna Leonor Moirão Xaves*”¹¹.

Gaspar de Chaves terá permanecido em Bordéus alguns anos exercendo Medicina. O seu regresso a Portugal não é facilmente entendível, mas a tal não será alheio o facto de a Inquisição entrar em franco declínio ao longo da segunda metade do século XVIII – sobretudo após 1773, quando Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal, primeiro-ministro de D. José I, promulgou a lei que suprimia as diferenças entre cristãos-velhos e cristãos-novos (OLIVAL, 2004). Encontramos, pois, Gaspar de Chaves em Almada no ano de 1784, onde se apresentou, em sessão de vereação da Câmara Municipal, como pretendente a Médico do Partido da vila, com Provisão Régia de D. Maria I. Foi então eleito para o cargo, que manterá até 1788, ano em que

foi despedido, sendo nomeado outro médico para o seu lugar. Gaspar de Chaves interpôs pessoalmente à Rainha D. Maria recurso contra esta decisão e, no seguimento desta, foi enviado a Almada um Ministro. Este convocou todos os membros da Câmara para lhes comunicar a decisão do Desembargo do Paço de restituir a Gaspar de Chaves o cargo de médico do partido da câmara, e para estranhar da parte da Rainha a “*incurialidade com que haviam despedido o mesmo médico e o procedimento praticado*”¹². Na mesma ocasião foi comunicada a determinação da Rainha para que os oficiais da Câmara “*hajao por satisfeita pelo mesmo Médico a condição das Observações diárias e Meteorológicas anuais com as que o referido médico tem oferecido a esta Câmara e a do anno próximo passado que a mesma não quis aceitar-lhe e que elle dito Ministro neste acto apresentava para que a recebessem como sua Majestade manda...*”¹³. Em 1793, como já foi referido, as *Observações* voltaram a ser mencionadas em sessão de vereação¹⁴.

Em setembro de 1796, Gaspar Lopes Henriques de Chaves, médico partidista da vila de Almada e aí residente, faleceu “*com os sacramentos da Igreja*”¹⁵ aos 66 anos, tendo sido enterrado na Igreja de “*Santa Maria do Castello*”. O pároco Joaquim Miguel de Oliveira alude decerto à Igreja de São Tiago, ao Seminário (que serviu também como sede paroquial) ou mesmo à Ermida do Espírito Santo: a Igreja de Santa Maria do Castelo havia sido destruída em 1755, durante o Grande Terramoto de Lisboa, pelo que a referência à Igreja deve dizer respeito apenas à freguesia, enquanto divisão administrativa.

¹¹ Arquivo Distrital de Setúbal (ADS). Paróquia de Santa Maria do Castelo. Registos de Óbitos, Livro 7, f. 49.

¹² AHMA / CMA. Atas, Livro 32, f. 28-30.

¹³ AHMA / CMA. Atas, Livro 32, f. 28-30.

¹⁴ AHMA / CMA. Atas, Livro 32, f. 152.

¹⁵ ADS. Paróquia de Santa Maria do Castelo. Registos de Óbitos, Livro 7, f. 49.

**“RELLAÇÃO EXACTA DAS DOENÇAS QUE
GRASSARÃO NO ANNO DE...”**

O acréscimo da relevância das *observationes* enquanto género epistémico relaciona-se, sobretudo, com quatro aspetos da Medicina no início da Era Moderna: a inexistência de um paradigma, a renovada importância da prática médica, o desenvolvimento da correspondência científica e a preferência por formatos menos densos (POMATA, 2010). No caso concreto das *Observações*, a recolha por escrito de casos médicos procedentes da prática clínica de Gaspar de Chaves junto da população de Almada, radica também da já mencionada obrigação de as apresentar anualmente à Câmara Municipal. Curiosamente, o género é publicado pela primeira vez com a designação de *observationes* em 1560, por Jodocus Lommius, o médico municipal de Bruxelas, cidade à qual dedica, de resto, o texto.

Os casos apresentados nas *Observações* seguem um guião geral comum, que inclui os dados biográficos do paciente (nome, idade, profissão, etc.), os sintomas apresentados ao longo do tempo, bem como os medicamentos prescritos e os seus efeitos sobre o curso da doença. Por fim, o desfecho do caso é também registado: recuperação total, recuperação parcial ou morte. Veja-se, como exemplo, o caso de Josefa Bernarda, arrolado no manuscrito de 1789: *“Josefa Bernarda, mulher de 47 anos, temperamento sanguíneo, mui dada ao trabalho, sem regimen algum, adoeceu aos 12 de Janeiro de febre inflamatória, língua áspera, faces vermelhas, secura forte, sede contínua, febre com exacerbação sobre a tarde, horripilações sensíveis, flatulência grande; preenchi a indicação que foi o sangrar larga manu, o caso assim o pedia, e como a natureza achasse alívio repetiu-se esta, dando por bebida água de frango saturada com as quatro sementes frias maiores, a emolição para a noite, a fim de refrigerar o que estava tão incendiado. Do terceiro para o quarto dia, observando bem o ventre metherizado aplicou-se cataplasma de malva. Clisteres que provocaram evacuação de bilis; do sexto para o sétimo, Morbus Regius, prescrevi clister de orina como também o cozimento antibilioso composto de polpa de tamarindos, ruibarbo adoçado com xarope de limão, evacuou matéria biliosa e por este meio calmaram quase todos os sintomas pois a febre que persistia era sem acréscimo, o orgasmo da fibra já tinha cessado mostrando as faces menos incendiadas, orinando com facilidade, a língua menos árida, do oitavo para o novo, tizana laxativa, do décimo para o undécimo houve suor mas este predominado de bilis, aos treze não houve couza alguma que limitada dor de cabeça que se desvaneceu com os caldos que ia bebendo mais amiúde; e bom regimen que teve na convalescença a restabeleceu perfeitamente”*¹⁶.

No total, Gaspar de Chaves assentou 126 casos nos manuscritos de 1788, 1789 e 1792 – precisamente aqueles que se encontram conservados no Arquivo Histórico Muni-

¹⁶ AHMA / CMA, Gaspar Lopes Henriques de Chaves. *Observações Médico Meteorológicas*, Anno 1789, Livro 2.

cipal de Almada –, com 72 casos registados no ano de 1788, 37 no ano de 1789 e apenas 17 em 1792. Em 121 casos, o médico declarou o sexo do paciente: 62 mulheres e 59 homens. A idade média dos pacientes observados era de 41,5 anos (desvio-padrão = 21,3), os doentes mais novos tinham três anos (duas raparigas e um rapaz) e a mais velha tinha 90 anos. Por sinal, e excetuando o rapaz de três anos, afetado por uma disenteria, as doentes mais novas e a mais velha foram diagnosticadas com malária.

De resto, as febres foram o tipo mais frequente de “doença” (48 em 126, o que corresponde a 38,1 %) – incluindo as febres intermitentes (isto é, malária) e as febres “*sinoch-pútridas*” (possivelmente febres entéricas). Outras doenças registadas incluem a tuberculose, a erisipela, a cólera ou o acidente vascular cerebral. Seguindo a tradição galénica (DONALDSON, 2017), Gaspar de Chaves usou a sangria profusamente como método terapêutico, nada menos que em 41,3 % dos casos (52 em 126). Releve-se, ainda, a utilização da casca de Cinchona (e também do medicamento de segredo chamado Água de Inglaterra) para tratamento de febres, sobretudo intermitentes. Vinte e quatro dos pacientes observados morreram (19 %).

As moradas e as profissões registadas nas *Observações* sugerem, por um lado, que o médico do partido da vila socorria todos os estratos socioeconómicos da sociedade Almadense, e, por outro, que a sua prática não se limitava ao centro da urbe, mas espalhava-se também por lugares então periféricos, como a Cova da Piedade ou Palença.

Assinalem-se, por exemplo, os casos em que Gaspar de Chaves acudiu a uma escrava, a uma lavadeira ou a quatro calafates, bem como a dois padres, a um capitão de ordenanças ou a um procurador do Concelho. A variedade de ofícios inventariada nos casos deste médico denota a matriz universal do seu mandato clínico. Aliás, a preocupação de Gaspar de Chaves com as pessoas não parece limitar-se às suas obrigações enquanto médico municipal, já que não raras vezes se manifesta contra a pobreza do lugar e arrabaldes de Almada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gaspar Lopes Henriques de Chaves, médico e cristão-novo, humanista em tempo de barbárie, legou-nos um conjunto de observações médicas realizadas no termo de Almada no final do século dezoito que refletem, de forma genérica e espontânea, a prática da Medicina junto da população. Além disso, oferece-nos uma história de resistência e perseverança diante de uma instituição tão opressiva como a Inquisição: o humanismo de Gaspar de Chaves é, pois, mais notável – precisamente porque cintila mais em relação à iniquidade.

AGRADECIMENTOS

Ao Arquivo Histórico Municipal de Almada, em particular ao Dr. Paulo Reis e ao Dr. Carlos Roupa.

À Fundação para a Ciência e Tecnologia (Bolsa de Pós-doutoramento com a referência SFRH/BPD/74015/2010).

Ao Arquivo Distrital de Setúbal - Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas. 🇵🇹

REFERÊNCIAS

DE NIPOTI, C. (2017) – “Tradutores Médicos e a Ideia de Tradução em Portugal em Fins do Século XVIII: o caso dos livros de medicina”. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro. 24 (4): 1-19. Em linha. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-59702017000500004> (consultado em 2018-11-25).

DONALDSON, I. M. L. (2017) – “The ‘bloody moloch’: Osler and van helmont on bloodletting”. *Journal of the Royal College of Physicians of Edinburgh*. Edinburgh. 47 (2): 196-204. Em linha. Disponível em <https://doi.org/10.4997/JrCPe.2017.221> (consultado em 2018-11-25).

FOUCAULT, M. (1963) – *Naissance de la clinique. Une archéologie du regard médical*. Paris: Presses Universitaires de France.

FRADE, F. V. e SILVA, S. N. (2011) – “Medicina e Política em Dois Físicos Judeus Portugueses de Hamburgo: Rodrigo de Castro e o Medicus Politicus (1614), e Manuel Bocarro Rosales e o Status Astrologicus (1644)”. *Sefarad*. Madrid. 71 (1): 51-94. Em linha. Disponível em <https://doi.org/10.3989/sefarad.011.003> (consultado em 2018-11-25).

QUINTAIS, L. (2012) – *Mestres da Verdade Invisível*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

POMATA, G. (2010) – “Sharing cases: The Observations in early modern medicine”. *Early Science and Medicine*. Brill. 15 (3): 193-236. Em linha. Disponível em <https://doi.org/10.1163/157338210X493932> (consultado em 2018-11-25).

OLIVAL, F. (2004) – “Rigor e Interesses: os estatutos de limpeza de sangue em Portugal”. *Cadernos de Estudos Sefarditas*. Lisboa. 4: 76-151.

RODRIGUES, I. T. e FIOLEIRAS, C. (2013) – “O Ensino da Medicina na Universidade de Coimbra no Século XVI”. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*. Rio de Janeiro. 20 (2): 435-456. Em linha. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0104-597020130002000005> (consultado em 2018-11-25).

SARAIVA, A. J. (1994) – *Inquisição e Cristãos-Novos*. Lisboa: Editorial Estampa.

STOLBERG, M. (2013) – “Empiricism in Sixteenth-Century Medical Practice. The notebooks of Georg Handsch”. *Early Science and Medicine*. Brill. 18 (6), 487-516. Em linha. Disponível em <https://doi.org/10.1163/15733823-0186P0001> (consultado em 2018-11-25).

STOLBERG, M. (2017) – “A Sixteenth-century Physician and His Patients: The Practice Journal of Hiob Finzel, 1565-1589”. *Social History of Medicine*. Oxford. Em linha. Disponível em <https://doi.org/10.1093/shm/hkx063> (consultado em 2018-11-25).

SZAJKOWSKI, Z. (1970) – *Jews and the French Revolutions of 1789, 1830 and 1848*. New York: Ktav Publishing House.

PUBLICIDADE



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

Associação de Utilidade Pública Sem Fins Lucrativos
Organização Não-Governamental de Ambiente

[travessa luís teotónio pereira, cova da piedade, almada]
[212 766 975 | 967 354 861]
[c.arqueo.alm@gmail.com]
[http://www.caa.org.pt]
[http://www.facebook.com]

1972 - 2018

46 anos de intervenção social, a promover uma visão integrada da Arqueologia, do Património Cultural e Ambiental e da História local e regional, no exercício partilhado de uma cidadania cultural e cientificamente informada

uma Associação em que peça já a sua ficha de inscrição dá gosto participar!

almada

online

[\[http://www.almadan.publ.pt\]](http://www.almadan.publ.pt)

[\[http://issuu.com/almadan\]](http://issuu.com/almadan)

uma edição



CAA

Centro de Arqueologia de Almada

[\[http://www.caa.org.pt\]](http://www.caa.org.pt)

[\[http://www.facebook.com\]](http://www.facebook.com)

[\[c.arqueo.alm@gmail.com\]](mailto:c.arqueo.alm@gmail.com)

[212 766 975 | 967 354 861]

[travessa luis teotónio pereira, cova da piedade, almada]